XI ENCONTRO SOBRE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: UMA VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

ANAIS DO ENCONTRO - ISSN 2237-1877

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Jequié, 28 e 29 de setembro de 2026

PREVALÊNCIA DE AUTOESTIMA EM ADOLESCENTES DE JEQUIÉ, BAHIA

Michel Silva Argolo[1]
Nikole Rocha Assis[2]
Marcos Oliveira de Novaes[3]
Cezar Augusto Casotti[4]

Introdução

O processo de construção da adolescência é marcado por diversas alterações na vida do sujeito, seja nos níveis sociais, físicos ou psicológicos, a busca por identidade e adaptação necessária às mudanças exercem no sujeito pressões que podem acarretar danos que não serão resolvidos de forma simples (Papalia; Martorell, 2022).

No processo de construção desta nova persona, surge a necessidade de estabelecer a relação do jovem consigo mesmo, sua percepção de si e seu nível de aceitação das características que o fazem ser quem é, desta relação subjetiva e, porém, relativamente estável, surge a autoestima, um construto composto por relações de contextos diversos que perpassam desde a imagem corporal até fatores sociais da época em que estamos inseridos (Pop, 2016).

Entre janeiro e maio de 2022, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) realizou a pesquisa "Conversa Sem Filtro: autoestima e confiança com o corpo na adolescência", a partir de um questionário online preenchido por 1.004 adolescentes participantes, e foi levantado que: 70% dos participantes não indicam satisfação consigo mesmo; 60% revelam insatisfação com o próprio corpo, com as meninas apresentando pontuação exponencialmente maior de 10 pontos (63 ante 53), da mesma maneira que meninos (36%) demonstraram pensar mais em suas qualidades do que meninas (25%) e pessoas negras (25%) apresentaram tendência de concordar menos com a afirmação "estou satisfeito/a com quem eu sou" do que pessoas brancas (28%) (UNICEF, 2023).

Dessa forma, compreender a formação do autoconceito e autoimagem, da mesma forma que seus impactos na vida do indivíduo, principalmente em uma fase de tamanha sensibilidade do desenvolvimento humano, faz-se essencial para entender o bem-estar e a qualidade de vida, assim como seus desfechos em âmbitos da saúde, como prevalências sintomatológicas, até questões existenciais, como a forma de ser e estar do sujeito no mundo.

[1]Acadêmico do Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Excelência (UNEX), Campus de Jequié. Discente de Iniciação Científica da UNEX. E-mail: michelpsiact@gmail.com.
[2]Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da UNEX, Campus de Jequié. Discente de Iniciação Científica da UNEX. E-mail: nikolerochaassis@gmail.com.
[3]Psicólogo. Doutorando em Ciências da Saúde pela UESB, Campus de Jequié. E-mail: marcos.novaes@uesb.edu.br.
[4]Odontólogo. Doutor em Odontologia Preventiva e Social (UNESP). Docente do Curso de Graduação em Odontologia da UESB. E-mail: cacasotti@uesb.edu.br.

Objetivo

Analisar e descrever a prevalência de autoestima em adolescentes de Jequié, Bahia.

Métodos

Trata-se de um estudo transversal, realizado no município de Jequié, Bahia. A população do estudo foi extraída de um universo de 4.261 adolescentes matriculados no ensino médio da rede pública estadual, distribuídos em 10 colégios, localizados na zona urbana do município. A seleção da amostra ocorreu de forma aleatória, por conglomerados, em duas etapas, conforme metodologia proposta por Luiz e Magnanini (2000).

Na primeira etapa, foram selecionados os colégios que ofertavam o ensino médio nos turnos matutino e vespertino e que estavam localizados na área urbana do município (n = 10). Foram excluídos três anexos escolares situados na zona rural. Na segunda etapa, foram selecionadas as turmas, de forma proporcional ao tamanho de cada colégio. Ao final desse processo, foram selecionadas 56 turmas.

Para o cálculo do tamanho da amostra, adotou-se uma prevalência estimada de 50%. Foi estabelecido nível de confiança de 95% e margem de erro de três pontos percentuais. Em razão da utilização de amostragem por conglomerados, o tamanho amostral calculado foi multiplicado por um fator de correção de 1,5, correspondente ao efeito de delineamento. Adicionalmente, foi acrescido um percentual de 15% para compensar possíveis perdas e recusas de participação.

A coleta de dados foi realizada entre setembro e novembro de 2025, em sala de aula, por pesquisadores treinados. Utilizou-se um questionário autoaplicável, com instrumentos validados e composto por questões relacionadas às características sociodemográficas, comportamentais e de saúde dos adolescentes. O questionário foi respondido *on-line*, por meio de um *software* de coleta de dados para análise da saúde do adolescente, desenvolvido em parceria com o curso de Sistemas de Informação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e patenteado junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), registro nº BR512025005027-5.

A pesquisa foi conduzida em conformidade com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), conforme a Resolução nº 466/2012 (Brasil, 2012). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/UESB), mediante Parecer Consubstanciado nº 6.991.777.

O desfecho – nível de autoestima – foi mensurado a partir da escala de autoestima de Rosenberg (1989), adaptada e validada por Hutz e Zanon (2011).

Resultados e Discussão

A amostra foi composta por 1.420 adolescentes com idades entre 14 e 19 anos, idade média de 16,8 anos, a maioria do gênero feminino 52,3%, sendo 46,9% pardos, 26,3% pretos, 22,5% brancos, 2,5% amarelos e 1,8% indígenas. No que se refere à prevalência de baixa autoestima, 27,3% dos adolescentes apresentaram o desfecho.

Quanto ao sexo, houve predominância de baixa autoestima em participantes do sexo feminino (64,3%), frente ao sexo masculino (35,7%). Em relação à idade, a maior proporção baixa autoestima foi encontrada em adolescentes de 17 anos (34,1%), seguida daqueles com 16 anos (28,4%), 18 anos (20,4%), 15 anos (12,9%) e 19 anos (4,1%). Não foram observados adolescentes de 14 anos nessa categoria.

Entre os adolescentes com baixa autoestima, observou-se maior proporção de participantes autodeclarados pardos (43,7%), pretos (28,2%) e brancos (24,3%), indígena (1,6%) e amarelo (2,3%). No que se refere ao *bullying*, entre os adolescentes com baixa autoestima, 42,9% relataram ter sido vítimas de *bullying*, 15,5% de *cyberbullying* e 18,3%

relataram prática de *bullying*.

A prevalência de baixa autoestima encontrada neste estudo é similar aos achados de Fonseca *et al.* (2023), que identificaram 27,3% de baixa autoestima entre adolescentes da rede pública estadual de Salvador-Bahia. No mesmo estudo, também foi observado a predominância do sexo feminino entre os casos de baixa autoestima (64,3%).

Quanto à cor/raça, os dados dessa pesquisa dialogam com o estudo de base populacional sobre *bullying* e autoestima em adolescentes brasileiros, no qual a cor da pele não branca apresentou-se como fator de risco para autoestima muito negativa (OR=1,914) (Gatto *et al*., 2017).

A prevalência de vitimização por *bullying* e *cyberbullying* entre os adolescentes com baixa autoestima corrobora estudo brasileiro multicêntrico realizado com 480 adolescentes, que encontrou associação entre *cyberbullying* e desfechos de saúde mental, incluindo autoestima, mesmo após ajuste por sexo, cor/raça e classe social (Ferreira *et al.,* 2026).

Os resultados deste estudo reforçam a importância de ações voltadas à promoção da autoestima no ambiente escolar, com atenção às relações de gênero e cor/raça, além do combate às diferentes formas de violência, como *bullying* e *cyberbullying*.

Conclusão

O estudo demonstrou alta prevalência de baixa autoestima entre os adolescentes participantes, demonstrando que uma parcela significativa dessa população apresenta dificuldades relacionadas à autopercepção e valorização de si. Os achados reforçam a importância de ações de prevenção e promoção da saúde mental no ambiente escolar, especialmente aquelas voltadas ao fortalecimento da autoestima, à valorização da diversidade e à prevenção de situações de violências, como o *bullying*.

Portanto, conhecer a prevalência e as características associadas à baixa autoestima de adolescentes, considerando aspectos como gênero, idade e cor/raça, contribui para o desenvolvimento de ações de cuidado em saúde focadas em suas particularidades, levando em consideração toda a dimensão social em que estes sujeitos estão expostos. Ressalta-se a importância da realização de novas pesquisas sobre a temática, considerando a complexidade dos fatores associados que atravessam essa fase da vida.

Descritores: Autoestima. Adolescentes. Prevalência.

Referências:

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012.

FERREIRA, Taiza Ramos de Souza *et al*. Cyberbullying e saúde mental em adolescentes: abordagem bidirecional. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 8, 2026. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/Gz43XNWFjTcCBq6GcHsxbfM/?lang=pt. Acesso em: 23 set. 2026.

FONSECA, Jaqueline Silva *et al*. Imagem corporal e autoestima em adolescentes da rede pública estadual de Salvador-Bahia. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 28, e51926, 2023. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/2871/287175767007/287175767007.pdf. Acesso em: 23 set. 2026.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Conversa sem filtro: autoestima e confiança com o corpo na adolescência**. Brasília, DF: UNICEF, 2023. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/relatorios/conversa-sem-filtro-autoestima-e-confian%C3%A7a-com-o-corpo-na-adolesc%C3%AAncia. Acesso em: 23 set. 2026.

GATTO, Renata Colturato Joaquim *et al*. Nível da autoestima de adolescentes brasileiros vítimas de bullying e sua relação com a necessidade de tratamento ortodôntico. **RGO – Revista Gaúcha de Odontologia**, Campinas, v. 65, n. 1, p. 30-36, jan./mar. 2017. Disponível em: https://scielo.br/j/rgo/a/h3BrLGtvNSshq5FyLnVDn8n/?lang=pt. Acesso em: 23 set. 2026.

HUTZ, Claudio Simon; ZANON, Cristian. Revisão da adaptação, validação e normatização da Escala de Autoestima de Rosenberg. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 41–49, 2011. Disponível em: https://pepsic.scielo.org/scielo.php?pid=S1677-04712011000100005&script=sci_abstract. Acesso em: 23 set. 2026.

LUIZ, R. R.; MAGNANINI, M. M. F. A lógica da determinação do tamanho da amostra em investigações epidemiológicas. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 9-28, 2000.

PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano**. 14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2022.

POP, Cristiana. Self-esteem and body image perception in a sample of university students. Eğitim Araştırmaları – **Eurasian Journal of Educational Research**, v. 16, n. 64, p. 31–44, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.14689/ejer.2016.64.2. Acesso em: 14 jul. 2026.

ROSENBERG, Morris. **Society and the adolescent self-image**. Revised ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1989.

Utilização da Inteligência Artificial Generativa: Exclusivamente para correção ortográfica.

Eixo Temático 2: As práticas de cuidado no contexto do Sistema Único de Saúde.